

PESQUISAS DE PERCEPÇÃO AMBIENTAL PARA O ENTENDIMENTO E DIRECIONAMENTO DA CONDUTA ECOTURÍSTICA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO

RENATO LUIZ GRISI MACEDO; SÂMARA BORGES MACEDO; NELSON VENTURIN; VANESSA ANDRETTA e FELIPE CARISIO SCALIA AZEVEDO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS – DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS FLORESTAIS,

email : rlgrisi@ufla.br

Eixo Temático : 2

Palavras chave : educação ambiental, perfil ambiental, perfil ecoturístico

Introdução

Aspectos relacionados à temática ambiental vêm se tornando um assunto comum e prioritário na sociedade brasileira, principalmente depois da realização da Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (Rio 92), realizada na cidade do Rio de Janeiro em 1992 e, mais recentemente, em 2003 (Brasília), nas Conferências Infanto-juvenis e a Nacional de Meio Ambiente.

Após esses eventos, muito se falou e vem se falando sobre meio ambiente no Brasil, no entanto, ainda não é tão evidente a correta percepção que os indivíduos evidenciam sobre o assunto, principalmente com relação a real dimensão das variáveis ambientais e seus efeitos sobre o ambiente como um todo.

Percepção ambiental pode ser definida como sendo uma tomada de consciência do ambiente pelo homem, ou seja, o ato de perceber o ambiente que se está inserido, aprendendo a proteger e a cuidar do mesmo.

Cada indivíduo percebe, reage e responde diferentemente às ações sobre o ambiente em que vive. As respostas ou manifestações daí decorrentes são resultados das percepções (individuais e coletivas), dos processos cognitivos, julgamentos e expectativas de cada pessoa (COELHO, 2002).

Desta forma, o estudo da percepção ambiental é de fundamental importância para que possamos compreender melhor as inter-relações entre o homem e o ambiente, suas expectativas, anseios, satisfações e insatisfações, julgamentos e condutas.

A importância da pesquisa em percepção ambiental para o planejamento do ambiente foi ressaltada pela UNESCO em 1973. Uma das dificuldades para a proteção dos

ambientes naturais está na existência de diferenças nas percepções dos valores e da importância dos mesmos entre os indivíduos de culturas diferentes ou de grupos sócio-econômicos que desempenham funções distintas, no plano social, nesses ambientes (COELHO, 2000).

Mas, por que alguns indivíduos se preocupam em preservar a natureza, enquanto outros parecem simplesmente ignorá-la? Por que existe essa dicotomia?

Isso ocorre porque os indivíduos têm diversas percepções do meio no qual estão inseridos e, dessa forma, têm diferentes prioridades em relação ao meio, ou seja, cada sujeito dá uma importância diferente para o que sente ao seu redor e reage de maneira coerente. É ótimo que seja assim, já que, se todos tivessem as mesmas percepções, brigariam pelos mesmos recursos e a convivência em sociedade seria impraticável (CORSON,1993).

Segundo SOULÉ (1997), “Cada um de nós é uma lente exclusiva, fundamentada e polida por temperamento e educação. E nossas respostas à natureza – ao mundo – são tão diversas como nossas personalidades, embora cada um em momentos distintos, possa ficar atônito, horrorizado, deslumbrado ou simplesmente entretido pela natureza”.

Através da percepção ambiental são estabelecidas as relações de afetividade do indivíduo para com o ambiente. A partir da formação de laços afetivos positivos, pode acontecer a modificação dos valores ambientais atribuídos pelas pessoas.

Objetivos

Os objetivos do presente trabalho científico de posicionamento foram resgatar, analisar, discutir e sintetizar os principais referenciais bibliográficos de obras e autores contemporâneos consagrados, que destacam a importância e a necessidade das pesquisas de percepção ambiental para o entendimento e direcionamento da conduta ecoturística em unidades de conservação.

Metodologias

Adotou-se a metodologia qualitativa-descritiva de levantamento, análise e discussão de referenciais bibliográficos contemporâneos sobre os pontos relevantes da temática proposta. Para tanto, apresenta as principais abordagens contemporâneas sobre as principais metodologias de pesquisa de percepção ambiental utilizadas em unidades de conservação,

aborda o seu potencial de utilização e seus aspectos limitantes. Sintetiza e discute artigos científicos relacionados com a temática abordada.

Desenvolvimento do Tema

Segundo DAVIDOFF, 1983, a percepção define-se como o processo de organizar e interpretar dados sensoriais recebidos (sensações) para desenvolvermos a consciência do ambiente que nos cerca e de nós mesmos. A percepção implica interpretação. Nossos sentidos podem ser considerados como nossas janelas para o mundo.

Segundo MACEDO (2000), a percepção ambiental é definida como sendo as diferentes maneiras sensitivas que os seres humanos captam, percebem e se sensibilizam pelas realidades, ocorrências, manifestações, fatos, fenômenos, processos ou mecanismos ambientais observados "*in loco*". Realça-se a importância da percepção ambiental principalmente por ser a mesma, considerada a precursora do processo que desperta a conscientização do indivíduo em relação às realidades ambientais observadas.

Mesmo os seres de uma mesma espécie diferem em sua percepção. As pessoas variam um pouco quanto à maneira de ver as cores, distinguir tons, assim como de cheirar e provar. Durante a gravidez e na idade avançada, as sensibilidades modificam-se ligeiramente à medida que o organismo se altera. As experiências, expectativas, motivações e emoções também influenciam o que é percebido. Em suma, a percepção é um processo muito mais individualista do que se crê comumente.

Para os seres humanos, a percepção é uma atividade flexível que pode lidar como informações recebidas mutantes. No curso da vida diária, as percepções das pessoas se adaptam continuamente ao meio que as cerca.

Em geral, nossas expectativas provavelmente influenciam nossas percepções de maneiras diversas. Nossa tendência é dar ênfase aos aspectos dos dados de realidade que se acham em harmonia com nossas crenças. Quando valorizamos algo, a nossa tendência é a de ver essa coisa como maior do que é. Reconhecemos as coisas que nos interessam mais depressa do que as nos aborrecem.

A motivação pessoal, as emoções, os valores, os objetivos, os interesses, as expectativas e outros estados mentais influenciam o que as pessoas percebem.

Segundo TOLSTOI, citado por SEWELL, 1978, "a mente humana não pode captar as causas dos acontecimentos em sua totalidade, mas o desejo de encontrar essas causas está implantado na alma humana...". E, poderá ser despertado ou sentido através da percepção e da intuição.

Na concepção de SOULÉ (1997), há muitas formas de ver a biosfera. Cada um de nós é uma lente exclusiva, fundamentada e polida por temperamento e educação. E nossas respostas à natureza – ao mundo – são tão diversas quanto nossas personalidades, embora cada um, em momentos distintos, possa ficar atônito, horrorizado, deslumbrado ou simplesmente entretido pela natureza.

Muitas dessas experiências são bastante comuns, como encontros cotidianos com aves que não existem nos grandes centros urbanos, árvores que ladeiam as ruas, pragas de jardim ou plantas e animais domesticados. Mas algumas delas deixam lembranças vívidas e podem modificar nosso comportamento. Essas assim chamadas experiências de pico podem nos amalgamar com a natureza, estabelecendo um vínculo vitalício. Acredita-se que as oportunidades e experiências realizadas em contato com a natureza, em atividades ecoturísticas em unidades de conservação, favorecem e estimulam os visitantes a vivenciar estas experiências de pico.

Se a percepção do observado fornecer insumos particularmente estimulante, os centros límbico – hipotalâmicos podem detonar respostas emocionais tais como medo, repulsa ou sublime felicidade. Além disso, podem ocorrer mudanças fisiológicas tais como sudorese, calafrios e lágrimas, ou ataque, fuga e brados.

Corriqueiros ou sublimes, tais encontros com a natureza constituem apenas uma das muitas dimensões de nosso envolvimento total com o mundo natural. Este envolvimento, segundo SOULÉ (1997) é de dimensão fundamental quando se quer entender como a mente percebe a natureza. Ou seja, pode ser sentido na “dimensão de valores” que é dominada pela polaridade entre valores utilitários, por um lado, e valores intrínsecos (espirituais / éticos), por outro. Outra dimensão é a científico - analítica, na qual a mente percebe a biodiversidade como um fenômeno a ser organizado e explicado.

Se todas as criaturas tivessem sensibilidades semelhantes aos mesmos estímulos, poderíamos todos estar competindo pelos mesmos suprimentos de alimentos e abrigos. Nossas sensibilidades diferentes nos permitem partilhar o mesmo meio ambiente pacificamente.

Se o que nos foi ensinado ver e admirar influenciam nossas perspectivas de análise, bem como a utilização ou não das nossas sensações para o entendimento do que nos cerca, parece bastante evidente ser o conhecimento uma peça importante na compreensão da interação homem/natureza. Faz-se necessário, então, desenvolver um aprendizado que envolva elementos de ordem científica, ética e estética, em que essa interação seja explicitada e favoreça a conscientização ambiental e estimule ações relativas à conservação da natureza.

Através da nossa percepção e interpretação ambiental, podemos atribuir valores e importâncias diferenciadas para a natureza. E, assim perceber e sentir que a sobrevivência

humana na Terra está intimamente relacionada à utilização racional dos recursos naturais e, à existência de outras formas de vida, integrantes da biodiversidade.

Uma das formas de perceber, interpretar e valorizar conscientemente a importância da existência de todas as formas de vida e das suas múltiplas inter-relações mantenedoras dos vários ecossistemas é, através do processo educacional e experiencial que fornece subsídios teóricos e práticos para o entendimento destes processos vitais essenciais para a manutenção da vida no planeta TERRA. Práticas de interpretação ambiental e programas de educação ambiental desenvolvidos conjuntamente com atividades ecoturísticas em unidades de conservação podem favorecer estes processos indutores de maior nível de conscientização ambiental.

O grau de percepção ambiental da realidade, dos fatos acontecimentos, situações ou eventos é variável entre os atores perceptivos principalmente, em função do seu estado psicológico, envolvimento pessoal, valorização e importância atribuídos à questão em foco e do nível de conhecimento a cerca da natureza.

Este nível de percepção, indubitavelmente, nos conduz a um nível de conscientização ecológica que realça a nossa responsabilidade de conservação da natureza, como requisito de manutenção da nossa sobrevivência humana. Ou seja, o grau de percepção e o nível de conscientização ambiental podem ser considerados como pré-requisito para uma efetiva conservação da natureza.

A análise de percepção ambiental entre distintos grupos sociais pode revelar perspectivas, finalidades e objetivos diversos em relação à conservação da natureza. Estes referenciais diferenciados entre grupos sociais são fundamentais para a estruturação, organização e realização de projetos / programas de educação ambiental em unidades de conservação.

Considerando-se as inter-relações entre colonização / turismo / natureza e cultura caiçara o trabalho de LUCHIARI (1997) revela que o turista tem como finalidade o consumo do recurso natural para o lazer. O imigrante residente, característico dessa região, tem como finalidade uma melhor qualidade de vida baseada na abundância do recurso natural e no modo de vida correspondente. O caiçara necessita desses recursos para garantir seu modo de vida.

Apesar de as três perspectivas terem finalidades diferentes, ou seja: a)recurso ambiental como consumo; b)recurso ambiental como qualidade de vida e c)recurso ambiental como sobrevivência; percebe-se que a conservação do meio ambiente, sob as três óticas perceptivas, é fundamental.

As percepções ambientais são distintas, ou seja, a paisagem no discurso do turista não é a mesma do lugar de vivência coletiva do caiçara, nem da opção de vida do imigrante. Conclui-se ainda que a paisagem construída, substituindo a paisagem primitiva, não significa apenas a substituição de uma paisagem pela outra. Mas, sim as formas

diferenciadas de se apropriar do ambiente, relacionada a códigos de existência variados, a valores éticos/morais adquiridos, a mecanismos de sobrevivência diferentes e, às vezes, divergentes. Enfim, refletem a substituição de uma postura ou percepção do homem diante do mundo natural, em que a principal diferença “é o modo de tratar a natureza”.

Em relação à percepção ambiental, DIEGUES, 1997 cita que muitas vezes, os habitantes da zona rural têm percepções diferentes das áreas que os urbanos designam como ambiente natural / silvestre / selvagem / nativo, e baseiam seu uso da terra em visões alternativas. Muitos camponeses têm uma relação pessoal com o meio ambiente. A natureza já não é um objeto, mas um mundo de complexidades em que os seres vivos são freqüentemente personificados e endeusados por meio de mitos locais. O termo conservação pode não fazer parte de seu vocabulário, mas é parte integrante de seu modo de vida e de suas percepções das relações do homem com a natureza.

Segundo DIEGUES (1997), a percepção ambiental das sociedades primitivas e tradicionais, atribui a existência de uma simbiose entre o homem e a natureza, que se manifesta tanto no campo das atividades de fazer, do conhecer e das técnicas patrimoniais quanto no campo simbólico. Essa simbiose é muito mais evidente nas sociedades indígenas brasileiras, por exemplo, em que o tempo para pescar, caçar e plantar é marcado por mitos ancestrais, pelo aparecimento de constelações estelares no céu, por proibições e interdições.

Nesse sentido, é importante analisar o sistema de percepção, de representações, símbolos e mitos que essas populações tradicionais constroem, pois é com base nestes sistemas que elas agem sobre o meio ambiente. Com base também nessas representações e no conhecimento empírico acumulado é que desenvolvem seus sistemas tradicionais de manejo. A ponderação destes aspectos peculiares é essencial para o planejamento das unidades de conservação e para a estruturação de programas de educação ambiental (DIAS, 1994).

Considerando a importância da simbiose homem - ciclos naturais existentes nas populações tradicionais, a noção de parques ou áreas naturais protegidas que excluam as populações tradicionais é incompreensível para as culturas portadoras desse pensamento bioantropomórfico.

Neste contexto, situa-se a percepção que as populações tradicionais têm da presença dos turistas nas áreas protegidas, de onde os ribeirinhos da Amazônia e os caiçaras da Mata Atlântica são, por força da lei, excluídos. Para eles, é incompreensível que se permita a entrada de turistas e se negue a permanência de moradores que vivem na área há muitas gerações e que, pelo seu modo de vida, são em grande parte responsáveis pela conservação dos rios, das florestas e das espécies vegetais e animais que nela vivem.

HUGHES (1985) citado por DIEGUES (1997), reforça que a permanência das populações tradicionais em áreas naturais protegidas não se justifica somente pela proteção e pelo reconhecimento da grande bagagem de etnoconhecimento transmitido de geração em geração a respeito das condições naturais, pela garantia do reconhecimento dos direitos históricos a seu território, mas também pela necessidade de manutenção da diversidade cultural, fonte de exemplos a serem considerados pela civilização urbano – industrial na redefinição necessária de suas relações atuais com a natureza. Neste contexto, o autor realça a importância da percepção ambiental dos índios americanos: -“As práticas culturais dos índios americanos no que se refere à caça e à agricultura, segundo as percepções espirituais da natureza, preservaram a terra e a vida na terra... As concepções indígenas do universo e da natureza devem ser analisados seriamente, como meios válidos de se relacionar com o mundo e não como supersticiosas ou primitivas. Talvez a maior contribuição que temos de herança indígena seja a reverência pela terra e pela vida ... Os índios valorizam as pessoas, o grupo social vivendo em harmonia com a natureza.

Outro aspecto a ser considerado é percepção ambiental sentida integralmente por meio das experiências / vivências corporais. As quais podem ser estimuladas, principalmente na realização de atividades lúdicas, conduzidas por dinâmicas interativas com a natureza, em programas de educação ambiental desenvolvidos conjuntamente com atividades ecoturísticas em unidades de conservação.

A experiência corporal é a mais direta e imediata, sendo o corpo o primeiro referencial do homem no mundo.

O tema do corpo visitando a natureza requer a compreensão da corporeidade como presença no mundo, sendo o movimento humano a expressão dessa corporeidade. O movimento humano representa, portanto, uma forma de comunicação, um diálogo entre o homem e o mundo (BRUHNS, 1997).

O corpo humano como uma parcela do universo material conhecida intimamente, não constitui apenas condição para experimentar o mundo, mas algo cujas propriedades podemos sentir (TUAN, 1983), observar, tocar, identificar em nós mesmos e nos outros. Organiza-se como receptáculo de informações decodificadas numa cultura. No corpo, elucida Rodrigues (1979), está simbolicamente *impressa* a estrutura social; e a atividade corporal – andar, correr, saltar – não faz mais do que torná-la *expressa*. O ser humano possui uma estrutura biológica que lhe permite ver, ouvir, cheirar, sentir e pensar; porém a cultura, prossegue o autor, “fornece o rosto de suas visões, de seus sentimentos e pensamentos, criando novos cheiros, novos sons e novas visões, constituindo novos universos – e novos corpos”.

Segundo Tuan (1983), a relação do meio ambiente com os sentidos e os sentimentos manifesta-se constantemente por meio de nossas ações, porém torna-se

complexo generalizar normas, pois, normalmente a cultura, o nível de conhecimento e a experiência em si influenciam a interpretação individual do meio ambiente.

As experiências íntimas do corpo com a natureza, numa perspectiva subjetiva, expressam em alguns casos uma busca de reconhecimento do espaço ocupado por esse corpo na sua relação com o mundo, uma revisão de valores, bem como um encontro muito particular do homem com ele mesmo. (BRUHNS, 1997)

Essas experiências conduzem a uma aproximação, a um reconhecimento da natureza como parte integrante nossa, ou nossas próprias extensões além do corpo material (RODRIGUES,1979).

Entendimentos, sentimentos e sentidos manifestam-se concomitantemente no corpo humano, como esquema hierarquicamente organizado, e encontra-se impregnado “com valores resultantes de funções fisiológicas carregadas de emoção e de experiências sociais íntimas”.

A possibilidade de vivenciar a experiência do contato com a natureza torna-se cada vez mais distante, afastando a sensibilidade das pequenas emoções do cotidiano, como simples chuva, que já não constitui numa aventura, sendo mal percebida ou tornando-se apenas um ruído nos compartimentos fechados de um apartamento.

Finalmente, Thomas, 1986 considera que a experiência corporal vivenciada perante a beleza e grandiosidade da natureza, é o berço alimentador de pensamentos, aspirações e inspirações humanas que, sem as mesmas, a sociedade dificilmente sobreviveria.

A percepção inevitavelmente influencia o comportamento humano; mas, para manter um ambiente de qualidade, o comportamento precisa ser dirigido para atos específicos, como a colocação de papel em latas de lixo ao invés de jogá-lo no chão. Ademais, os atos específicos precisam ter precedência sobre outras possíveis ações que reflitam uma hierarquia diferente de valores, como a poupança da energia pessoal necessária para andar até a lata de lixo. Os hábitos pessoais refletem as propriedades de valor de um indivíduo, e o tratamento com consideração ambiental requer a ênfase nos valores ambientais. A informação e educação do público são indispensáveis, especialmente para desenvolver a atitude conhecida como ética ambiental, o sentimento de que as árvores, animais e até as obras arquitetônicas dos antepassados merecem respeito e têm um “direito” inerente, nem que seja apenas para servir como ambiente futuro.

Considerações Finais

Os estudos de percepção ambiental são essenciais para se conhecer o perfil ambiental dos ecoturistas visitantes e referenciar programas de educação ambiental em

unidades de conservação. As pesquisas de percepção ambiental podem ser consideradas pré-requisitos imprescindíveis para se promover maior conscientização ambiental dos ecoturistas visitantes e a efetiva conservação ambiental das unidades de conservação.

Referências Bibliográficas

COELHO, A. **Percepção Ambiental dos Alunos da Faculdade Brasileira**. 2002. Texto situado no site:

http://www.abe_es.org.br/paginas/trabalhos/percep%e7%e3%20ambiental%20u.pdf

acessado em maio/2007.

COELHO, A.J. **A Importância do Desenvolvimento Sustentável**. 2000. Texto situado no site:

<http://www.idcb.org.br/documento/artigos2301/aimportancia.doc> (acessado em maio/2007).

BRUHNS, H.T. **O corpo visitando a natureza: possibilidades de um diálogo crítico**, IN: SERRANO, C. M. T. I BRUHNS, H. T. Viagens à natureza (turismo, cultura e ambiente). Campinas, Papyrus, 1997. P. 125-140.

CORSON, W. H. Manual Global de ecologia – o que você pode fazer a respeito da crise do meio ambiente. São Paulo, August, 1993. 413p.

DAVIDOFF, L. F. Introdução à psicologia. São Paulo, McGraw – Hill do Brasil, 1993. 237p.

DIAS, G. F. Educação ambiental – princípios e práticas. São Paulo, Editora Gaia, 1994. 397p.

DIEGUES, A. C. **As áreas naturais protegidas, o turismo e as populações tradicionais**. IN: SERRANO, C. M. T. I BRUHNS, M. T. Viagens á natureza (turismo, cultura e ambiente). Campinas, Papyrus, 1997. p. 85 – 102.

LUCHIARI, M. T. D. P. **Turismo, natureza e cultura caiçara; um novo colonialismo?** IN: SERRANO, C. M. T. & BRUHNS, H. T. Viagens à natureza (turismo, cultura e ambiente) Campinas, Papyrus, 1997. 59 – 84p.

MACEDO, R. L. G.. **Percepção e Conscientização Ambiental**. Lavras/MG: Editora UFLA/FAEPE. 2000.132p.

RODRIGUES, J. C. Tabu do corpo. Rio de Janeiro, Dois pontos, 1979.191p.

SEWELL. G. H. Administração e controle da qualidade ambiental. São Paulo. EPU/EDUSP/CETESB, 1978. 285p.

SOULÉ, M. E. **Mente na biosfera; mente da biosfera**. IN: WILSON, E. O. Biodiversidade. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1997. p. 593-98.

THOMAS, K. O homem e o mundo natural. São Paulo, Companhia das letras, 1986. 182p.

TUAN, Yi – Fu. Espaço e lugar. São Paulo, Difel, 1983.174p.